Quem Conta um Conto?

Ana Maria Machado; Cristina Porto; Flávio de Souza; Ruth Rocha; Sylvia Orthof

Quem conta um conto?

Ana Maria Machado

Ganhadora do mais importante prêmio internacional da literatura infantil, o Hans Christian Andersen, em 2000, é autora de mais de cem livros.

Cristina Porto

Autora de livros para crianças e jovens, foi também professora e editora.

Flávio de Souza

Além de escritor de literatura para crianças e jovens, é roteirista, ator e diretor de teatro.

Ruth Rocha

Precursora da literatura infantil, é autora de mais de 130 livros, entre didáticos, paradidáticos e ficção.

Sylvia Orthof

Autora de diversas obras de literatura e de teatro para crianças, foi também professora e diretora de teatro.

Sumário

Beijos mágicos, Ana Maria Machado
Marco e Apolo, Cristina Porto
A mãe da menina e a menina da mãe, Flávio de Souza
O piquenique do Catapimba, Ruth Rocha
O bisavô e a dentadura, Sylvia Orthof
Pequeno glossário do conto

Beijos Mágicos

Ana Maria Machado

Nanda tinha duas casas. Numa, ela passava quase todos os fins de semana com a mãe. Na outra, ela morava com o pai e a avó.

Quem pegava Nanda no colégio e a levava para brincar e andar de velocípede na praça era a avó.

Mas quem acordava Nanda com beijinho, tomava café com ela de manhã e a levava para o colégio era o pai. E também era ele quem de noite botava Nanda para dormir, conversava um pouco, ajeitava as cobertas, contava história, e dava beijo de boa noite.

As histórias muitas vezes acabavam com "... e viveram felizes para sempre". Nanda gostava.

Ela sabia que o pai e a mãe resolveram que para serem felizes para sempre era melhor não ficarem juntos. E tinha muita pena.

Mas Nanda também sabia que era feliz para sempre quando passava uns tempos com a mãe — que a botava no colo, fazia brincadeira e tinha uns beijos mágicos que faziam passar qualquer dor de machucado.

E Nanda também era feliz para sempre com o pai, naquele apartamento em que os dois cuidavam um do outro.

Muitas vezes, parecia até que ela era uma daquelas princesas das histórias que o pai contava.

Branca de Neve, ajudando a cuidar da casa dos anões.

Rapunzel, penteando os cabelos para esperar o príncipe.

Cinderela, dançando a noite toda com o príncipe, mas tendo que ir deitar no melhor da festa.

A Bela Adormecida, acordando com beijo de príncipe.

E o príncipe sempre era muito bonito e carinhoso, assim meio parecido com o pai dela. Com quem ela vivia feliz para sempre.

Mas, depois, o pai foi começando a contar as histórias mais depressa, pulando pedaços.

Ela reclamava:

— Assim, não! Você esqueceu...

Ele corrigia, mas acabava rápido. E apagava a luz e saía do quarto.

Então Nanda não dormia logo, como antes. Ainda ficava um pouco ouvindo os barulhos da casa.

Uma noite, ouviu o pai se despedindo da avó.

Quando depois a avó veio ver se estava tudo bem com ela, ficou espantada de ver Nanda acordada. E mais ainda quando ouviu:

— Cadê papai?

— Saiu, Nanda.

— E aonde é que ele foi?

— Passear com os amigos...

No dia seguinte, no café da manhã, Nanda perguntou:

— Aonde é que você foi ontem?

— Fui jantar com uma amiga minha, a Bebel.

Pensou um pouco e falou:

— Vocês precisam se conhecer, você vai gostar muito dela.

Gostar dela, coisa nenhuma.

O pai tinha dito que Bebel era linda, alegre, um amor...

Mas não foi nada disso que Nanda viu.

Viu uma mulher magra, de nariz grande, cabelo liso e comprido, vestida de preto, toda hora dando gargalhada.

Nanda logo desconfiou o que ela era de verdade. Só perguntou, para conferir:

— Você tem gato?

— Tenho, sim. Como é que você adivinhou?

Toda bruxa tem, ela pensou.

Mas não disse nada. Só ficou olhando em volta e procurando a vassoura, que não viu estacionada em lugar nenhum. Mas ficou espantada do pai não ter descoberto quem Bebel era.

E ele não descobria mesmo. Nanda tentou avisar, mas ele não acreditou.

Saíram juntos muitas vezes. Foram até jantar em casa de Bebel um dia.

Uma comida que Bebel fez, mexendo numa panela que era bem disfarçada,

mas era num caldeirão. Numa cozinha cheia de vidrinhos, potes de plantas, ramos secos de ervas pendurados.

Nanda não comeu, mas o pai até repetiu. Vai ver que era por isso que estava encantado, devia ter tomado poção mágica.

Ou, então, devia ser o beijo enfeitiçado da Bebel, porque os dois ficavam toda hora se dando beijinho. E quanto mais beijinho, mais o pai achava Bebel maravilhosa.

Nanda resolveu conversar com a mãe. Mas ela riu e disse que aquilo era bobagem, que Nanda estava era com ciúmes porque o pai estava namorando a Bebel.

Falou mais coisas. Falou que isso era muito bom, que ela também tinha um namorado, e que se ela se casasse eles iam morar num lugar maior, mais perto do colégio de Nanda, ia dar para Nanda ter um quarto só dela e ficar muito tempo lá, se quisesse. E que era ótimo se o pai também casasse de novo, porque a Bebel ia poder ajudar a cuidar da Nanda.

Quando ouviu a mãe dizer essas coisas, Nanda ficou achando que, com toda a certeza, a tal da Bebel tinha dado uns beijos enfeitiçados nela também. E passou a tomar o maior cuidado, para não ganhar beijo da Bebel.

Mas não adiantou muito. Bebel enfeitiçou o pai de Nanda, de tanto beijo. E acabou mesmo casando com ele e virando madrasta de verdade.

Como, na mesma época, a mãe de Nanda também casou e mudou, chamou a filha para morar com ela e o marido. Nanda foi.

Mas quando vinha passar fim de semana com o pai e a avó, não esquecia de ficar de olho em Bebel. E no gato da Bebel, que agora também morava com eles.

Um dia, quando estava lá, o pai saiu com a avó para ir ao supermercado e Nanda ficou sozinha com o gato e Bebel, que disse que estava muito pesadona e cansada para sair naquele calor. Também, tinha ficado tão barriguda...

Assim que as duas ficaram sozinhas, Bebel começou a fazer o que sempre fazia: tentar agradar Nanda. Oferecia chocolate batido, biscoito, iogurte, colo, história, cantiga. E beijinho, sempre beijinho. Mas Nanda ficava firme, e não aceitava.

Mas, dessa vez, Bebel depois se deitou no sofá e perguntou se Nanda não queria fazer uma coisa que ela adorava e nunca deixavam: andar de velocípede na

sala. Nanda aceitou.

Andou sem parar, de um lado para o outro, a toda velocidade, batendo nos móveis, derrubando coisas, e Bebel nem ligou.

Até que Nanda levou um tombo, ralou o joelho e botou a boca no mundo:

— Uá!!!!

Bebel veio acudir, foi lá dentro pegar um dos vidrinhos dela, e passou um remédio que nem ardeu. Depois, botou Nanda no colo, fez carinho no cabelo dela, e a encheu de beijinho. Um montão!

Nanda gostou do dengo. Mas não queria gostar e chorou mais ainda. Então Bebel abraçou a menina e ficou só alisando de leve e falando umas coisas carinhosas, dizendo que ia dar um irmãozinho para ela, e todos iam ser muito felizes.

Foi dando um sono bom, e Nanda acabou dormindo.

Foi assim que o pai e a avó encontraram as duas. Acharam tão bom e fizeram tanto barulho que Nanda acordou.

Mas ela nem teve tempo de saber se tinha ficado encantada com os beijos de Bebel, porque a madrasta falou assim:

— Ai, que bom que vocês não demoraram. Acho que está chegando a hora...

Começaram todos a falar ao mesmo tempo, a olhar o relógio, mexer em gavetas, pegar uma maleta.

Num instante, o pai e Bebel saíram.

Não voltaram nem para dormir.

No dia seguinte, a avó falou:

— Nasceu seu irmãozinho, Nanda. Vamos lá ver.

Elas foram. E viram um neném muito pequenininho, de olhinhos fechados, dormindo.

Nanda foi fazer carinho nele, e o neném apertou o dedo dela, tão gostoso.

Então o pai disse:

— Senta aqui no meu colo, que eu ponho o neném no seu colo. Porque agora você é a princesa de nós dois.

Ela achou graça e foi. Mas ficou pensando assim:

— Pois sim, vocês é que são meus príncipes. E se eu sou princesa, vou é lhe dar um beijo mágico e você vai acordar do encanto que essa bruxa lhe fez.

Mas primeiro pegou o irmão.

Ficaram todos sorrindo, enquanto ela sentia aquele calorzinho gostoso entre os braços. Como se um passarinho tivesse pousado na mão dela. E fosse preciso, ao mesmo tempo, segurar firme para ele não voar e fazer carinho de leve para ele não se assustar.

Mas talvez o neném tenha se assustado. Porque, de repente, chorou:

— Nhém! Nhém!

Uma boca bem aberta, com um choro tão forte!

Todo mundo ficou sem saber o que fazer. Mas aí Bebel disse:

— Dá um beijinho na testa dele, Nanda. E depois vocês me trazem ele para mamar...

E aí foi mágico.

Ele ficou quietinho e parou de chorar, só mamando feliz.

Nanda olhou bem para ele, para o pai, para Bebel. E fez com os dois o mesmo que já tinha feito com o neném: deu beijos.

Beijos mágicos, como só ela podia dar.

Beijos capazes de quebrar encantos de um príncipe, de acalmar choro de neném e de fazer nascer sorriso em gente grande.

E, principalmente, beijos capazes de fazer bruxa virar gente de verdade, com quem até se pode ser feliz para sempre.

Quem é Ana Maria Machado

Meu nome é Ana Maria Machado e eu vivo inventando histórias. Algumas delas, eu escrevo. E dessas que eu escrevo, algumas andam virando livros. Em sua maioria, livros infantis, quer dizer, livros que criança também pode ler. Adoro meu trabalho. Ainda bem, porque acho que não ia conseguir viver se não escrevesse. Tanto assim que já fui professora, já fui jornalista (já fui até chefe de uns trinta jornalistas ao mesmo tempo), já fiz programa de rádio e acabei tudo para só viver de livro: escrevendo e cuidando da Malasartes, a minha livraria para crianças.

Coisas de que eu gosto: gente, mar, sol, natureza em geral, música, fruta,

salada, cavalo, dançar, carinho. Coisas que não agüento: qualquer forma de injustiça ou prisão e gente que quer cortar a alegria dos outros. Mas isso nem precisava dizer — é só ler meus livros que todo mundo fica sabendo.

Nasci e me criei no Rio. Nasci no morro (de Santa Teresa) e me criei na praia (de Ipanema).

No fim da adolescência, pouco antes de entrar para a faculdade (onde comecei fazendo Geografia e acabei me formando em Letras Neolatinas), comecei a estudar pintura, seguindo o curso de Aloísio Carvão, maravilhoso, no Museu de Arte Moderna do Rio, e descobrindo, deslumbrada, que podia me expressar sem racionalismos.

Pintei durante anos, e até hoje essa é uma atividade que me faz muito bem.

Mas depois de me expor em salões e galerias, em individuais e coletivas, deixei de lado as pretensões de me mostrar nessa área e entendi que na palavra eu encontrava minha forma de expressão mais funda e verdadeira, sem a qual não conseguiria seguir adiante.

Marco e Apolo

Cristina Porto

Eu sozinho!

Minha mãe diz que desde pequeno eu sou assim.

— Eu sozinho!

— Eu consigo!

As primeiras frases que consegui articular foram essas duas, que, na verdade, querem dizer a mesma coisa.

Bastou perceber que podia pegar na colher de sopa e...

— Eu como sozinho!

Ficava todo lambuzado, metade da sopa ia fora, mas a outra metade eu conseguia engolir sozinho.

Na hora de tomar banho, conta minha mãe, era o maior sufoco. Pra uma pessoa conseguir lavar minhas orelhas, o pescoço e os cabelos, alguém tinha que ficar me distraindo, com um barquinho de papel, de preferência. Quando enjoava da brincadeira, não adiantava, eu só ficava quieto com a esponja e o sabonete nas mãos. Fazia um mar de espuma, tinha que ser enxaguado por duas pessoas, de novo, mas insistia em enxugar o corpo sem a ajuda de ninguém...

Vestir a roupa? Sozinho, claro, mesmo querendo pôr de trás pra frente, do avesso, as duas pernas no buraco de uma só, a cabeça no buraco da manga e o braço no buraco do pescoço... Isso sem falar no sapato de pé trocado.

Na hora de pentear o cabelo então, nem se fala! Enquanto não me deixavam segurar o pente, eu não dava sossego. O máximo que permitia era que alguém fizesse a risca, o repartido do lado. Daí eu ficava passando o pente, de um lado e de outro, alisava um pouco com a mão e acabava deixando sempre um ninho de rato na parte de trás. Mas, mesmo assim, quando dava por terminado o trabalho, anunciava, orgulhoso:

— Eu penteei sozinho!

E quando ganhei uma bicicleta? Logo de cara quis sair andando, sozinho, claro, e sem as rodinhas! Só concordei com as ditas cujas depois da primeira ralada no joelho e do primeiro galo na testa. Brinquedos de montar e quebra-cabeças também eram a minha diferença.

Minha mãe sempre comenta as brigas que eu tinha com as pessoas que ousavam me oferecer ajuda quando viam que o difícil da situação estava me deixando nervoso.

— Eu faço sozinho!

— Eu consigo montar sozinho!

— Eu resolvo o quebra-cabeça sozinho!

É. Tudo eu tinha que conseguir sozinho. Se não me deixassem ao menos tentar, eu ficava mortificado.

Desde que me entendo por gente, eu gosto muito, mas muito mesmo, de uma coisa, quero dizer, uma coisa que eu acho que mais parece gente: cachorro. E, no meio deles, um, de cara achatada, que a maioria das pessoas acha feio, mas eu acho lindo, maravilhoso: o bóxer.

Ganhei o meu primeiro cachorro, um bóxer, claro, quando a gente se mudou do apartamento para uma casa com jardim e quintal. Só assim, dizia minha mãe, o cachorro poderia ter sua casinha de madeira e um bom pedaço de terra pra brincar, comer grama quando sentisse dor de barriga, fazer xixi e cocô e enterrar seus ossos.

Eu e Apolo, Apolo e eu. Companheiros pra tudo. Era o primeiro a me dar a lambida de bom-dia, a me acompanhar até o portão na hora de ir pra escola, a me esperar no portão na hora de voltar (o reloginho dele não falhava)...

De tarde, a pata esquerda pedia pra passear. Comida ele não precisava pedir, porque sempre estava na sua vasilha, na hora certa.

De noite, outra lambida antes de ir pra casinha, no quintal. Só quando eu tive catapora — e deu forte, com febre alta, minha mãe não se esquece —, ele teve permissão pra dormir no meu quarto. Quero dizer, minha mãe teve que ceder — disso é meu pai que não se esquece —, porque Apolo emperrou no tapetinho do lado da minha cama e rosnava pra quem ameaçasse chegar perto.

Ele se negou a comer, enquanto eu recusava comida, e ficou ali, me velando, dia e noite. Quando melhorei e consegui me levantar pela primeira vez, precisaram segurar o Apolo, porque senão ele me derrubava de tanto fazer festa. Depois, esvaziou um pratão fundo de comida e foi pra casinha dele, dormir o prolongado e sossegado sono dos justos.

Ah, o meu Apolo...

Quando a gente saía pra passear então, era o maior orgulho! Se eu chegava na pracinha e tinha gente, era um sucesso! O Apolo se exibia, fazendo as coisas que eu tinha ensinado, depois parece que olhava pros outros, esperando o aplauso! E aquela cara linda e achatada ficava ainda mais despencada, de tanto elogio!

— Esse Apolo é demais!

— Além de inteligente, é muito simpático!

— E manso... Apesar de um pouco cismado, às vezes, né, Apolo?

Verdade. Manso ele era. Mas cismado também. Quando não ia com a cara de alguém, não ia mesmo! E sempre tinha um bom motivo. Eu sabia, porque acabava descobrindo depois.

Um dia, o meu Apolo sumiu. Estou dizendo assim, de supetão, porque não posso nem pensar nos rodeios que o pessoal lá de casa fez pra ter a coragem de me

dar a notícia. E nem precisava tudo aquilo! Quando eu não vi o meu Apolo me esperando no portão na volta da escola, gelei por dentro. Alguma coisa grave tinha acontecido.

— Cadê o Apolo? Está doente?

Não. Se não estava doente, tinha desaparecido. Na certa, atrás de alguma namorada... Eu já tinha percebido que muitas cachorras da vizinhança estavam no cio, e o Apolo, claro, tinha farejado isso bem antes de mim. Tá certo. Era uma boa razão. Mas precisava ter fugido, Apolo? Se você achasse um jeito de me dizer isso, eu arrumava uma boa namorada pra você. É... Mas o instinto tinha sido mais forte, claro. Cachorro não pensa. Nem o meu cachorro Apolo pensa! Mas sente. E sentiu mais vontade, quero dizer, mais necessidade de sair atrás de uma namorada do que de me esperar no portão... Ah, Apolo, que traição! Não, desculpe. Sei que você não fez por mal. Claro que não. Eu é que penso, além de sentir, e então, eu é que devia ter sacado isso antes de você ter fugido. Mas eu não saquei. Eu, que pensei conhecer o meu Apolo mais que ele mesmo! Eu, que pensei ser capaz de adivinhar seus desejos, suas vontades, seus sentimentos...

Eu não tinha conseguido.

E agora, sem o meu Apolo? O que é que eu ia fazer sem ele, meu Deus?

E como é que eu ia conseguir achar o Apolo... sozinho? Saindo atrás dele, pelas ruas, gritando seu nome, a esmo, sem saber que direção tomar? Até tentei, confesso, de noite, depois que todo mundo foi dormir, mas no fim do segundo quarteirão fiquei com um pouquinho de medo, estava muito escuro, era noite de lua cheia, uma sexta-feira, e eu, que não sou supersticioso nem nada e que adoro animais, acabei me assustando com o uivo de algum cachorro e voltei pra casa correndo feito um doido!

Pois é... Pela primeira vez na minha vida eu tinha que aceitar:

— Sozinho eu não consigo, não posso, não sou capaz!

E não era capaz de duas coisas: de viver sem o meu Apolo, nem de descobrir onde tinha ido parar o meu Apolo, isso sem falar na outra coisa, anterior a essas duas: eu não tinha sido capaz de adivinhar a vontade-necessidade do meu Apolo.

E agora?

Não sei quanto tempo fiquei sozinho, no escuro, me sentindo um cachorro sem dono, a casa no maior silêncio, todo mundo dormindo. Já devia ser mais de meia-noite e o desespero tomava conta de mim. Minha cabeça parecia que ia estourar de tanto pensamento! E o meu coração também, de tanto sentimento triste. Mas nem chorar eu conseguia, pois um nó amarrou minha garganta, machucando feito espinha de peixe, depois começou a me sufocar, estrangular, quase não me deixando respirar direito.

Corri até a cozinha, nervoso, e tomei um copo de água com açúcar. Minha avó vive dizendo que ajuda a acalmar. Respirei fundo, rezando pra não morrer longe do meu Apolo, e o ar, finalmente, começou a entrar nos pulmões outra vez. Minhas preces foram ouvidas, acho que por São Roque.

Eu sempre ouvi dizer que é ele o protetor dos cachorros. Um pouco mais calmo, dando graças a Deus e a São Roque, voltei pro meu quarto de novo.

Depois de algum tempo, já devia ser madrugada, criei coragem, uma coragem que nem eu sabia que tinha, e saí pra procurar o meu Apolo.

Andei, andei, andei, sem direção e sem medo, chamando Apolo, primeiro baixinho, depois um pouco mais alto, e mais alto, e mais alto, até gritar com toda a força que meus pulmões voltaram a ter.

De repente, um latido, quase um uivo. Eu sabia! Apolo não ia me deixar na mão! Era o latido dele... Não, já não era latido, nem uivo, era mais um gemido de dor, de desespero! Coitado do meu Apolo!

— Apolo! Apolo! Onde você está? O que está acontecendo com você? Fale, Apolo, fale mais pra eu poder ir atrás da sua voz!

Comecei a correr, correr, correr, e a chorar, chorar, chorar, até que...

— Apolo! Não, não pule, Apolo! Pare! Você não vai conseguir!

Apolo estava na beira de um precipício, com a pata traseira machucada, a orelha ensangüentada, tentando pular pra vir ao meu encontro.

E agora, meu Deus? E agora?

— Não! Não, eu não consigo, eu não vou conseguir! Eu preciso de ajuda, Apolo! Espere, que eu vou buscar ajuda!

— Marco, meu filho, acorde! Você está tendo um pesadelo!

A voz da minha mãe, doce como caqui bem maduro, chegou aos meus

ouvidos feito um remédio, um bálsamo.

Que alívio! Tinha sido só um sonho, o sonho mais horrível de todos os que eu já tinha sonhado!

— Ô mãe, eu... eu... eu não consigo, mãe!

Foi só o que fui capaz de dizer, pois aquele nó, de repente, desentalou e voou garganta afora, me fazendo desatar num choro convulsivo.

Chorei, chorei, chorei sentido no colo da minha mãe, que ia me dizendo palavras carinhosas, de conforto. Dizia que ia me ajudar a encontrar o Apolo, que todos iam me ajudar, meu pai, minha irmã, os vizinhos, os parentes, os amigos, meus colegas de escola, que a gente ia mandar colocar faixas e cartazes na rua, nos jornais e até no rádio a gente ia pedir pras pessoas ajudarem a achar o bóxer mais lindo e simpático do mundo! Se precisasse, arrematou minha mãe, a gente ia até pra televisão!

Acho que foi isso que me acalmou de verdade, e me fez adormecer outra vez, com a cabeça no colo da minha mãe, as pernas no colo do meu pai e a mão agarrada na mão da minha irmã mais velha, pois os dois tinham acordado também com o barulho do meu choro.

Só lembro que um bem-estar maravilhoso inundou meu coração dolorido e minha cabeça confusa: eu tinha conseguido dizer que não ia conseguir sozinho. E agora, sim, com a ajuda de tanta gente, tinha a certeza de que ia encontrar o meu Apolo!

No dia seguinte, logo cedo, começou a maratona. Minha irmã saiu pra providenciar as faixas que a gente ia mandar esparramar pelas redondezas, minha mãe foi cuidar das notas nos jornais e nas rádios e meu pai foi mesmo tentar a televisão! Eu fiquei fazendo cartazes pra colocar em açougues, padarias, supermercados, farmácias e na minha escola, que não ficava longe de casa.

Até dona Anita, a senhora que vinha fazer a faxina uma vez por semana e que gostava muito do Apolo, fez uma promessa pra São Lázaro e outra pra São Francisco, que, segundo ela, também protegem os animais, e acendeu uma vela grossa, aquela de sete dias, pra cada um deles.

Por falta de santo, de reza e de promessa, de faixas e cartazes, notas e notícias é que o Apolo não ia continuar desaparecido por muito mais tempo. Com

tantas providências a serem tomadas, o dia acabou passando depressa. Mas, na hora do jantar, quando comecei a olhar a escuridão da noite, pela janela, meu coração ficou apertado de novo. As lágrimas já saltavam pelos olhos sem que eu pudesse ou quisesse me controlar. Ainda bem, pois só o choro desmanchava aquele nó que teimava em amarrar minha garganta.

Depois de engolir um prato de sopa e uma xícara de chá de melissa, fui pro meu quarto. Achei que fosse demorar pra dormir, mas me enganei. Foi só deitar na cama que o cansaço causado por tanta emoção acabou me vencendo. Fechei os olhos e peguei no sono antes de acabar de rezar pra todos os santos que gostam de cachorros, como a dona Anita tinha me ensinado.

O toque comprido da campainha me acordou na manhã seguinte. Era cedo, muito cedo, pois ainda não tinha clareado direito. Pulei da cama e desci as escadas correndo, com o coração pulando dentro do peito. Abri a porta e sabe com quem dei de cara, ou melhor, de focinho?

Com o meu Apolo! O meu Apolo! Eu já tinha pressentido que era ele! Embrulhado em uma manta xadrez, pois era junho, 13 de junho, dia de Santo Antônio e do aniversário da minha amiga Serafina, e estava fazendo muito frio, o meu cachorro voltou inteiro, sem nenhum machucadinho, graças a Deus!

Enquanto meu pai agradecia e minha mãe servia um café quentinho pro senhor que tinha vindo trazer Apolo, eu só queria saber de abraçar o meu maior, melhor e mais querido amigo e companheiro, que quase gastou a língua de tanta lambida que me deu!

Pedi licença pro seu Fontes, era esse o nome do salvador do Apolo, ou melhor, do meu salvador, depois de agradecer também, claro, até dei um beijo no rosto dele, e levei o Apolo pro quentinho da minha cama. Primeiro eu queria, eu precisava ficar sozinho com ele, matar a saudade, alisar seu pêlo macio, falar as coisas que ele mais gostava de ouvir...

Depois, só depois, pediria a minha mãe que me contasse toda a história que estava ouvindo do seu Fontes, a pessoa que, sem saber, tinha devolvido uma parte de mim mesmo. E que, por isso mesmo, contaria com minha gratidão eterna.

P.S.: Passados uns dois meses, o seu Fontes apareceu em casa, de novo,

com um "pacotinho" nas mãos: era um dos filhotes da Diana, cara e focinho do pai...

O filho de Apolo e Diana foi batizado de Aquíles.

Quem é Cristina Porto

Você me conhece como Cristina Porto, mas talvez não saiba que nasci Maria Cristina Martins Porto, na cidade de Tietê, interior do estado de São Paulo, em 13 de outubro de 1949.

Vim para a capital em 1969 para fazer o curso de Letras, na Universidade de São Paulo. Pouco tempo depois comecei a dar aulas para crianças em uma escola municipal, na periferia da cidade. Mais tarde, deixei o magistério para trabalhar na editora Abril, onde fiquei alguns anos, sempre envolvida com revistas e livros infantis.

Publiquei meu primeiro livro em 1980 — Se... Será, Serafina?. Em seguida vieram O dicionário de Serafina, O sono da estrela, Joana Banana, Maria Céu na Boca, Chico Palito, Azulão, a coleção Crie & Conte e muitos outros títulos.

Em 1987, passei a trabalhar em minha casa, onde estou até hoje, dedicando-me quase que exclusivamente à literatura.

Não sou casada e não tenho filho, mas tenho uma sobrinha e afilhada, que se chama Mariana. Moro sozinha em um pequeno apartamento, onde trabalho ouvindo música clássica, vejo bons filmes no vídeo, cozinho — faço meus pães, como a Serafina — e recebo os amigos.

Se não fosse escritora, gostaria de ser cantora lírica ou bailarina. Mas, como sei escrever livros e adoro o que faço, pretendo continuar nessa profissão até ficar bem velhinha.

Ah, esqueci de dizer que, além de gostar de escrever, de conhecer meus leitores e tudo o mais que contei, também gosto muito de viajar e de namorar!

Para você, que curte as histórias que escrevo, um beijo muito carinhoso.

A Mãe da Menina e a Menina da Mãe

Flávio de Souza

Esta é a segunda vez que eu tento escrever esta história. Na primeira, não deu certo. É difícil explicar com palavras as coisas que vêm na cabeça da gente. Tem coisas que a gente só sente. Ou não sabe o nome. Ou esquece, sabe como é? Na hora que vão sair da cabeça, vem outro pensamento e atrapalha. Pronto! Já está complicado de novo. Então eu vou tentar começar outra vez, começar de um jeito mais simples.

Eu sou uma menina de sete anos de idade. Eu moro numa casa grande, de dois andares. Adoro subir e descer a escada. Meus irmãos acham que eu sou boba de gostar tanto dessa escada. Mas eu gosto e pronto. Uma das brincadeiras que eu faço é pegar a colcha da minha cama e transformar numa capa. Aí desço a escada imaginando que eu sou uma rainha. Às vezes tenho vontade de convidar as minhas amigas para brincar de rainha comigo. Mas tenho medo de que elas pensem que eu sou boba também.

Já contei que eu tenho irmãos. São dois. Na minha casa moram o meu pai e a minha avó também. Mas eles não aparecem nesta história, apesar de eu ter muita coisa para contar sobre eles. Isso fica para uma outra vez.

Desta vez, minha mãe e eu somos as estrelas deste show.

Tudo começou bem antes do Dia da Criança. Fazia tempo que eu olhava pra minha mãe e não entendia por que ela era tão nervosa. Ela estava sempre reclamando que cansa ser dona-de-casa. E eu adoro brincar de casinha! Adoro comprar coisas também. Dava para eu passar o dia inteiro comprando.

Eu não entendia por que ela vinha do supermercado quase chorando de raiva e cansaço.

Minha mãe resmungava, também, de ter de cuidar de três filhos.

— Como vocês me dão trabalho! — ela dizia.

Às vezes ela dizia que tinha CINCO filhos, que meu pai e minha avó também eram filhos dela, e davam o mesmo trabalho.

Engraçado, eu adorava tomar conta das minhas bonecas.

"Eu podia ter vinte e sete filhos!", eu pensava.

Então, um dia, eu fiz a primeira descoberta: tudo o que eu faço de brincadeira, minha mãe tem de fazer de verdade. Quando canso de trocar a roupa e dar comidinha pras minhas bonecas, guardo no armário. Já pensou se a minha mãe não quisesse mais brincar e me enfiasse no guarda-roupa?

Eu contei a minha descoberta pra ela, que me olhou espantada e disse:

— Foi você mesma que teve esta idéia?

Olha só como os adultos são! Eles imaginam que criança só pensa em gatinhos e bonecas e gangorras e *video games* e panteras cor-de-rosa!

— É claro que fui eu. E não éverdade?

— Não — respondeu minha mãe —, quer dizer, mais ou menos. Eu fico cansada, mas adoro ser mãe de vocês três... cinco. E eu reclamo por reclamar. Você também reclama de ter que ir à escola todo dia, mas eu sei que você adora!

Viu como é difícil? Como que eu ia explicar pra minha mãe que às vezes não queria mesmo ir à escola? Que eu preferia ficar em casa brincando de rainha? Ela não ia entender. Tomara que você esteja entendendo.

Ela me disse pra parar de pensar nisso tudo, pra esquecer, era bobagem. Quando eu crescesse, ia entender. E completou:

— Vai brincar, menina!

Acontece que eu não queria entender só quando eu crescesse. E continuei pensando.

Então, eu comecei a procurar pela casa alguma coisa que não sabia bem o que era. Mas que sabia que existia, e que ia me ajudar a entender aquela coisa que eu sentia agora, toda vez que olhava pra minha mãe.

Eu abri o guarda-roupa dela e mexi em todas as roupas. Tinha umas que eu conhecia, mas que ela não usava mais. Experimentei os sapatos dela, as jóias, fivelas e lenços. Me olhei no espelho, depois de vestir uma camisola dela, e quase caí no chão de imaginar que um dia eu ia usar uma roupa daquelas. E pela primeira vez, olhei bem pra mim mesma, lá no espelho, e me achei parecida com a minha

mãe.

Eu continuei mexendo e remexendo no guarda-roupa. Foi então que achei umas fotografias amareladas numa caixa. Tinha umas da minha avó com a cara lisinha, meu pai de uniforme, minha mãe de noiva... aí eu achei umas ainda mais antigas. Numa delas, havia uma menina muito parecida comigo. Mas o vestido era compridão, o sapato engraçado.

E esta foi a segunda descoberta: minha mãe já tinha sido criança antes! E claro que eu sabia que ia crescer e casar e ter filhos. Mas eu nunca tinha pensado que a minha mãe tinha sido do meu tamanho. E brincado de casinha!

Nesse dia, de noite, eu fiquei olhando pra minha mãe enquanto ela assistia televisão. Estava passando um filme engraçado que depois ficou triste. Eu vi ela rir e quase chorar. Então, eu fiz a maior descoberta de todas: aquela menina de vestido compridão e sapato engraçado ainda existia. E morava lá dentro da minha mãe!

Um dia antes do Dia da Criança, eu estava tentando pensar no que ia pedir de presente. Na televisão e nas revistas tinha tanto anúncio de brinquedos, roupa e sandalinha que eu não conseguia decidir. É difícil saber o que se quer mesmo, com tanta gente gritando no seu ouvido: "Peça isso! Não deixe de pedir aquilo! Exija isso e mais isso! Este é o que você quer, não é? NÃO É?"

O mais difícil é que eu não conseguia nem prestar atenção nas propagandas. Só pensava nas três descobertas que tinha feito. Então, eu resolvi dar um presente para a minha mãe no Dia da Criança. Ia ser diferente de dar um presente no Dia das Mães. Eu ia dar um presente para aquela menina de vestido compridão e sapato engraçado!

Todo Dia das Mães eu fazia um desenho e dava pra ela. Minha mãe tem uma coleção deles: pequenos, grandes, de lápis de cor, de cera, com tinta, coloridos e preto-e-brancos.

Resolvi que este presente ia ser diferente. Ia comprar um presente comprado com o dinheiro que eu tinha juntado num cofrinho.

"Este vai ser diferente!", pensei.

Naquele dia, a gente passou no supermercado depois da escola. Minha mãe entrou na fila da carne, e eu fingi que me perdi. Corri para a seção que mais gostava. Comprei um bloco de desenho, uma caixa de lápis de cera e uma folha de papel de

embrulho. Paguei feito gente grande e fiquei do lado de fora, esperando com o presente escondido dentro da blusa. Ficou um bico pra fora, mas eu fiz cara de quem estava supernormal, e minha mãe nem desconfiou.

Chegando em casa, embrulhei o presente. Ficou lindo! Nesta noite foi difícil pegar no sono. Eu queria que chegasse logo a hora de entregar o primeiro presente comprado que eu ia dar na minha vida!

Chegou! Chegou o Dia da Criança. Mas a história do presente não acabou logo assim, não. Levou o dia inteiro para acontecer.

De manhã, eu tentei dar o presente, mas minha mãe saiu correndo pra comprar pó de café. Quando voltou, eu já tinha ido pra escola.

Quando voltei, corri e vim com o presente escondido atrás das costas. Mas aí eu pensei: "Será que ela vai achar que eu estou dando um presente só pra ela me dar outro de volta?" E resolvi esperar, mas não ganhei nada. Parecia que ela tinha esquecido! Tá certo que Dia da Criança não é Natal, nem aniversário, mas a gente sempre ganha presente, ou acha que vai ganhar... Eu vi minha mãe cochichando com meus irmãos. Quis saber o que era, os três disfarçaram:

— Não é nada não...

Eu nem fiquei muito brava, porque também tinha um segredo. Eu não tinha contado pra eles do presente comprado. Então, ficou por isso mesmo. Eles não ganharam presente, nem eu. Mal sabiam eles que EU é que ia ser a presenteadeira!

De tarde eu tentei de novo dar o presente. E inventei um jeito que ia ser uma brincadeira. Ia ser assim:

EU — Tá bom que eu era a mãe e você a filha?

ELA — Tá bom!

EU — Sabe que dia é hoje?

ELA — Não...

EU — É Dia da Criança!

ELA — É mesmo!?

EU — Olha aqui o seu presente...

ELA — Oba!

Mas não deu. Minha mãe passou a tarde trancada no quarto dela. Eu até olhei pelo buraco da fechadura e vi que ela estava ocupada, fazendo alguma coisa.

Eu bati na porta. Ela disse que não podia abrir, que estava ocupada.

Eu desisti. O pacote já estava meio amassado de tanto eu segurar e levar de um lado pro outro.

Aí tive a idéia de fazer uma surpresa. Eu escrevi: "Feliz Dia da Criança", assinei o meu nome e pus o presente dentro da bolsa dela. Para ela achar assim... sem querer.

Chegou a noite. Eu assisti televisão, tomei banho. Assisti mais televisão, jantei. Assisti mais televisão. Tentei ser a mocinha na brincadeira de mocinho e bandido dos meus irmãos, eles não deixaram. Então eu assisti mais um pouco de televisão, e fui para o meu quarto dormir.

Mas não consegui. Eu fiquei esperando minha mãe abrir o presente. E vir para o meu quarto me abraçar, agradecer, me beijar... toda hora parecia que a porta ia se abrir e ela entrar. Mas nada!

Então entrou um pensamento na minha cabeça. Entrou como uma flecha de índio, zum... pófl O presente que eu tinha comprado não servia pra minha mãe! Eu tinha comprado uma coisa que eu é que gostaria de ganhar! Eu é que gostava de bloco e lápis de cera. Minha mãe ia acabar me dando de volta, pra eu usar. Eu fiquei até quente de vergonha. E desci correndo pra sala onde estava a bolsa dela para pegar o pacote. Tarde demais! O presente não estava mais lá!

Eu subi correndo as escadas, com o coração pulando. Queria me enfiar debaixo das cobertas, virar pro lado da parede e fingir que estava dormindo.

"Que droga!", pensei. "Eu estraguei tudo!"

Parecia que, se eu me olhasse no espelho, ia ver as minhas bochechas vermelhas. Parecia que elas iam pegar fogo. Eu me arrependi de começar esta história toda do presente. Queria conseguir dormir pra acordar no dia seguinte e descobrir que tinha sido tudo um sonho ruim.

"Minha mãe vai achar que eu acho que ela é criança! E que sou egoísta, só penso em mim! Que vexame!", pensei. Deu tempo de pensar tanta coisa até chegar no topo da escada!

Mas assim que cheguei lá, vi que alguém estava no meu quarto. Era minha mãe, sentada na cama. Abraçando o presente desembrulhado e chorando feito criança...

Ela estava mais parecida que nunca com a menina de vestido compridão e sapato engraçado. E eu fiquei ali parada, vendo ela chorar. Deu vontade de pegar no colo, como ela fazia comigo. E dizer: "Chora, chora pra desabafar. Chora, que já, já passa..."

Aí, de repente, eu entrei e falei:

— Você não gostou? Amanhã eu compro outro.

Ela chorou mais ainda. E me deu um embrulho fininho. Eu achei que ela estava chorando de sem graça de o presente dela ser menor. Eu abri o pacote que ela me deu. E descobri o que ela tinha feito a tarde toda trancada no quarto dela. Era um desenho! Estava meio tremido, até um pouco borrado. Molhado de lágrimas. Mas era o desenho mais bonito do mundo. O mais lindo que eu já tinha visto. Eu comecei a chorar também.

Aí a gente se olhou. Parou de chorar. E sem dizer nada, conversou. Os olhos falam mais que a boca. E é tão bonito quando eles conversam, porque olho não mente:

EU — Eu achei que você não ia gostar...

ELA — Eu adorei! E também achei que você não ia gostar do meu...

EU — Eu adorei também o meu... eu...

ELA — Eu...

EU — Eu não sabia que você gostava de desenhar!

ELA — Eu também não sabia!

NÓS DUAS — Eu preparei uma surpresa... e você também!

EU — Você brincou de ser criança...

ELA — E você, de ser adulto!

Aí os olhos pararam de falar, porque nós duas começamos de novo a chorar. Mas olho com lágrimas de felicidade fica mais bonito ainda, porque brilha. E, como estrelas que brilham mais forte depois de lavadas pela chuva, nossos olhos conversaram mais um pouco:

EU — Eu fiquei com vergonha...

ELA — Eu também...

NÓS DUAS — Que bobas!

Aí eu abracei minha mãe. E foi um abração, porque eu sentia que estava

abraçando duas pessoas. Uma grande, que cuidava da casa, dos meus irmãos, do meu pai, da minha avó e de mim. E uma pequena, que um dia usou um vestido compridão e um sapato engraçado para tirar uma fotografia.

Quem é Flávio de Souza

Tente descobrir coisas sobre Flávio de Souza, que escreveu este conto que você acaba de ler:

1. Nasceu no ano de:
a) 1922
b) 1955
c) 1977

2. É autor de uma série para a televisão que se chama:
a) Mundo da Lua
b) Perdidos no espaço
c) Jornada nas estrelas

3. Entre outros livros, escreveu também:

a) Reinações de Narizinho e Memórias da Emília
b) O reizinho mandão e O rei que não sabia de nada
c) A chegada do invasor e Príncipes e princesas, sapos e lagartos

4. Além de escritor é também:

a) Telefonista e datilógrafo
b) Ator e diretor de teatro
c) Domador de leões e contorcionista

5. Começou sua carreira de escritor:

a) Escrevendo bula para remédios

b) Traduzindo histórias em quadrinhos do inglês, tais como Luluzinha e A pantera cor-de-rosa

c) Redigindo textos para embalagens de flocos de milho e arroz

6. Se não fosse escritor, gostaria de ser:

a) Cantor de ópera

b) Trapezista

c) Astro de cinema

Respostas 1. b), 2. a), 3. b), 4. b), 5. b), 6. a) b) e c)

O Piquenique do Catapimba

Ruth Rocha

Catapimba resolveu organizar um piquenique bem divertido. Convidou a turma toda: O Caloca, a Mariana, Edu, Beto, Luciana, Armandinho, Valdemar...

E cada um convidou seus amigos, e os amigos dos amigos. E por fim a rua toda queria ir ao piquenique.

E fizeram uma grande reunião, escondido da turma do Passa-por-Cima, que é o time de futebol da rua de baixo, que ninguém queria negócio com eles.

Combinaram fazer o piquenique na represa, porque não era longe e podiam ir a pé.

E o dia escolhido foi o domingo, porque ninguém tinha aula.

— Eu levo a vara de pescar, a gente pesca uns peixes — disse o Caloca.

— Eu levo umas coisas boas de comer — disse o Batata, que só pensa em comer.

— Eu levo espeto pra fazer churrasco — disse Luciana.

Mariana queria fazer uma lista:

— Vamos tomar nota pra não esquecer de nada.

— Ah, não precisa tomar nota, todo mundo sabe — disse Gabriela, que queria mais era jogar futebol.

E o resto da turma, que também estava louca pra jogar bola, concordou logo.

O dia do piquenique amanheceu de encomenda: céu azul e sol brilhante, vento fresquinho, gostoso.

Se encontraram na pracinha. E lá se foram contentes, carregados de pacotes, de sacolas, de cestinhas.

De vez em quando um deles gritava:

— Olha uma borboleta azul...

E todos corriam para apanhar a borboleta.

— Olha uma taturana...

Todo mundo corria de medo da taturana.

E riam de qualquer coisa, que quando a gente está junto tudo parece bacana.

Chegaram à represa cansados e famintos.

— Como é, pessoal, vamos abrir os pacotes?

— O que é que vocês trouxeram de bom?

Os pacotes foram abertos, as sacolas esvaziadas. Juntaram tudo o que havia. E foi uma só risada.

Tinha raquetes sem bola, tinha discos sem vitrola, tinha rolo de barbante. Tinha até uma viola, ninguém sabia tocar.

Alguém trouxe uma cartola, ninguém sabia pra quê. Tinha abridor de garrafa, mas garrafas não havia.

Tinha pratos de papel, mas não tinha o que comer.

Tinha copo de papel, mas não tinha o que beber.

Tinha toalha xadrez, lanterna tinha umas três.

Tinha espeto pra churrasco, mas carne não tinha não.

Tinha toalha de mão, mas ninguém trouxe sabão.

Tinha lata de sardinha, tinha lata de palmito, tinha lata de salsicha, tinha tudo o que era lata.

Quem trouxe foi o Batata. Mas não havia abridor.

O Bruno trouxe a panela; não tinha o que cozinhar.

Tinha garfo, tinha faca, mas não tinha o que cortar.

Tinha vara de pescar, mas anzol não tinha não.

Vejam que situação!

Depois de muita risada veio a desanimação... A fome veio chegando, não havia solução.

O Batata já sentia uma tremenda agonia, que ele mesmo não sabia se era estômago ou barriga, ou se era do coração...

Gabriela reclamava, e o Catapimba já achava que era uma esculhambação!

E foi naquele momento que surgiu a solução.

A solução foi o Barriga, beque-central do Passa-por-Cima, que apareceu, de repente, meio sem jeito com a gente:

— Alô, pessoal! Tudo bem?

A turma do Catapimba não gostava da turma do Passa-por-Cima: ninguém sabia direito por que, mas todos sabiam que não gostavam.

O Beto foi logo perguntando:

— Que que há, hein?

— Pois é — disse o Barriga —, nós também estamos fazendo um piquenique do outro lado do morrinho... Só que a gente tá com uns problemas...

Temos carne pra churrasco, mas espeto nós não temos.

Temos bola pra jogar, mas raquetes não trouxemos.

O Juca toca viola, mas esqueceu de trazer.

Temos abridor de lata, mas não sei o que vai ser, a gente não trouxe as latas; não temos o que comer.

A Miriam trouxe a vitrola, mas discos ninguém lembrou.

Tem meia dúzia de anzóis, mas vara, ninguém pegou.

Tem macarrão pra fazer, mas ninguém trouxe panela...

Guaraná temos bastante, quem trouxe foi Manuela.

Mas abridor de garrafa ninguém lembrou de trazer.

A turma nem discutiu. Cada um foi pegando suas coisas e subindo o morrinho.

O Barriga ficou meio espantado, mas veio atrás.

A turma do Passa-por-Cima estava toda muito desanimada.

A primeira pessoa que percebeu o que estava acontecendo foi a Miriam, que estava muito chateada sentada junto da vitrolinha. Ela viu logo a Mariana com um montão de discos e veio correndo ajudar a carregar.

O Flavião, que tinha trazido os anzóis, enxergou logo a vara de pescar do Catapimba e já veio pro nosso lado, todo alegre.

O churrasco foi pro espeto, macarrão foi pra panela.

Juca tocava violão, quem cantava era Manuela.

O Catapimba e o Flavião pescavam junto à cancela.

As latas foram abertas.

O guaraná destampado. A mesa já estava pronta, estava tudo arrumado. Jogo de raquete e bola pulando pra todo lado.

E então a gente pensou: "Nem tudo é como parece. Não se pode não gostar do que a gente nem conhece... Quem nunca comeu pipoca não sabe se gosta ou não... Quem nunca provou mandioca não pode dar opinião... Quem vê as coisas de longe nunca pode estar bem certo se aquilo é bom ou se é mau. E assim é com as pessoas...

Quando se chega mais perto, a gente vê que afinal a turma lá da outra rua até que é muito legal!"

Quem é Ruth Rocha

Era uma vez uma escritora que só virou escritora porque gostava "de criança — criança, que dá risada fora de hora, que se impacienta quando gente grande fala demais e que grita que o rei está nu". E mais, uma escritora que no começo só conseguiu escrever ao resolver pôr no papel as histórias que inventava toda noite, e que sua filhinha tanto gostava de ouvi-la contar.

É por isso que essa escritora, a Ruth, para quem escrever tem tudo a ver com gostar, é tão gostada, tão gostosa de ler e é tão amada por tantas crianças deste país.

Ruth Rocha começou a publicar histórias para crianças na revista Recreio, em 69. De lá para cá, lançou cento e (muitos) tantos títulos, dos quais quase sete milhões de exemplares já foram vendidos.

Em cada coisa que escreve, há magia e liberdade. Há fantasia, generosidade, alegria e satisfação de viver. Ruth escolheu escrever como quem entrega segredos às crianças, como quem lhes revela que tudo pelo que brigam — briga sofrida, às vezes — pertence a elas, ninguém tira!

E Ruth está do lado delas. Está, sim! Daí, sabem por que as crianças que descobrem Ruth Rocha não largam mais? Porque com Ruth, e com suas histórias, descobrem também que não é impossível fazer o mundo em que sonham viver.

Luiz Antonio Aguiar

O Bisavô e a Dentadura

Sylvia Orthof

Eu ouvi esta história de uma amiga, que disse que isso aconteceu, de verdade, em Montes Claros, Minas Gerais.

Para contar a história, é preciso imaginar uma velha fazenda antiga. Dentro da fazenda, uma vetusta (socorro, que palavrão!) mesa colonial, muito comprida, de jacarandá, naturalmente. Em volta da mesa, uma família mineira. Por cima da mesa, tudo que mineiro tem direito para um bom almoço: tutu, carne de porco, lingüiça, feijão-tropeiro, torresminho, couve cortada bem fina... e eu nem posso descrever mais, porque já estou com excesso de peso, só de pensar: hum, que delícia!

A família era enorme e comia reunida, em volta da toalha bordada: pai, mãe, avó, avô, filhos, netos, sobrinhos, afilhados, a comadre que ficou viúva, a solteirona

que era irmã da avó da Mariquinha... e o bisavô Arquimedes. O bisavô Arquimedes usava dentadura.

Naturalmente, cada integrante tinha à sua frente o seu saboroso prato de tutu, couve, torresmo, feijão-tropeiro, carninha de porco, lingüiça, etc. e tal. E todos mastigavam e repetiam porque a fartura, ali, em Montes Claros, naquele tempo, era um espanto, de tanta! E cada um, evidentemente, tinha o seu copo. Pois os copos e o bisavô Arquimedes, diariamente, sofriam a seguinte brincadeira:

— Toninho, ocê vai beber desse copo aí, na sua frente? Olha que o bisavô deixou a dentadura dele de molho, bem no seu copo, Toninho, na noite passada!

— Num foi no meu, não: foi no copo da Maroca! O bisavô deixou a dentadura dentro do copo da Maroquinha!

— Ó gente, num brinca assim que eu fico cum nojo, uai!

O velho bisavô Arquimedes ouvia, sorria, mostrando a dentadura.

Quando chegava o doce de leite, o queijinho, a goiabada e uma tal de sobremesa que tem o nome de "mineiro-de-botas", que tem queijo derretido, banana, canela, cravo, sei lá mais que gostosuras, o pessoal comia, comia. E depois de comer tanto doce, a sede vinha forte, e a chateação começava, ou recomeçava, ou não terminava:

— Tia Santinha, não beba do copo da dentadura do bisavô, cuidado! Tenho certeza de que a dentadura ficou no seu copo, de molho, a noite inteira!

O bisavô ouvia e ia mastigando, o olhinho malicioso, nem te ligo para a brincadeira, comendo a goiabadinha, o "mineiro-de-botas", o doce de leite, o queijinho... e mexendo a dentadura pra lá e pra cá, pois a gengiva era velha e a dentadura já estava sem apoio. Mas o bisavô tinha senso de humor... e falava pouco. O pessoal cochichava que ele era mais surdo do que uma porta. Bestagem, porque se existe coisa que não é surda, é porta: mesmo fechada, deixa passar cada coisa...

Um dia, de repente, o bisavô apareceu sem a dentadura. E como todos perguntaram para ele o que tinha havido, o velho Arquimedes sorriu, um sorriso banguela, dizendo:

— Ocês tavam perturbando demais, todos com nojo dela, resolvi não usar, uai!

Aí, a família ficou sem jeito, jurando que não iria falar mais da dentadura,

que tudo fora brincadeira, que todos adoravam o velho Arquimedes, que ele desculpasse.

— Tá desculpado, num tem importância. Eu já tava me aborrecendo com a história, mas tão desculpados. Mas até que tô achando bom ficar banguela: vou comer tutu e sopa... e doce de leite mole, ora!

A família insistiu, pediu perdão, mas o bisavô botou fim à conversa, dizendo:

— Ocês num insistam. Resolvi e tá resolvido. O dia que eu deixar de resolver, boto a dentadura outra vez!

E passaram-se vários dias. Ninguém mais fazia a brincadeira do copo. De vez em quando, o bisavô lembrava:

— Tô sentindo falta...

— Da dentadura, bisavô?

— Não, da traquinagem de ocês... ninguém tá com nojo de beber água do copo, né?

— Ora, o senhor não deve levar a mal, foi molecagem, a gente não faz mais, pode usar a dentadura, bisavô.

Um dia, de repente, o bisavô voltou a usar a dentadura. Todos na mesa se cutucaram e começaram a rir, muito disfarçado, quando bebiam água, pensando... sem dizer, pois haviam prometido.

Depois da sobremesa, boca pedindo água depois de tanto doce caseiro, o velho Arquimedes disse:

— Ocês tão bebendo tanta água, sem nojo...

— Bisavô, era brincadeira!

— Eu também fiz uma brincadeira: durante todo esse tempo que fiquei banguela, minha dentadura ficou de molho, dentro do filtro!

Quem é Sylvia Orthof

Sylvia Orthof nasceu no Rio de Janeiro. Fez parte da Escola de Arte Dramática do Teatro do Estudante. Começou a atuar no teatro aos quinze anos.

Morou dois anos em Paris, onde, além de cursos de mímica, desenho, pintura e arte dramática, fez um curso de teatro, novidade na época, que propunha aos alunos uma nova arte de representar. Após dois anos, Sylvia volta para o Rio e se profissionaliza no teatro. Tempos depois, muda-se para São Paulo e começa a atuar no Teatro Brasileiro de Comédia e na TV Record, que, na época, apresentava telepeças ao vivo. Novamente de mudança, dessa vez para Nova Viçosa, sul da Bahia, uma pequena aldeia de pescadores, desenvolve com as crianças um teatro de bonecos, confeccionados com o meio de que dispunha: sabugo de milho. Esse contato com as crianças proporciona a Sylvia a descoberta do teatro infantil. De Nova Viçosa, muda-se para Brasília. Em Brasília, leciona teatro na universidade, montando também um teatro universitário. Sentindo falta de textos publicados, escreve peças para serem representadas. Uma delas, Cristo versus Bomba, foi mais tarde representada em Paris, na Universidade de

Sorbonne. Em Brasília também dirigiu o Teatro do Candanguinho e foi coordenadora do Teatro do Sesi, cujos atores eram selecionados entre os operários. Volta, então, definitivamente para o Rio de Janeiro e continua sua carreira de diretora, produtora e atriz. Nessa época casa-se com Tato, arquiteto, artista plástico e desenhista.

A escritora faleceu em 24 de julho de 1997. Nessa data, a literatura infantil perdeu uma de suas maiores criadoras.

Pequeno Glossário do Conto

Você sabe o que é um conto? O que é um contador de histórias? Qual a diferença entre o conto folclórico e o conto literário? Fizemos uma seleção de palavras-chave do universo do conto para que você se sinta cada vez mais à vontade para ler, discutir e tentar contar por escrito as suas histórias.

Lembre-se de que é muito importante consultar o dicionário para que você compreenda melhor os textos e enriqueça o seu vocabulário.

— C

Coletânea: conjunto de textos que já foram publicados em outras obras.

Contador de histórias: aquele que narra histórias oralmente.

Contista: autor de contos literários.

Conto: narração falada ou escrita, em geral pouco extensa e cuja ação se concentra num único ponto de interesse.

Conto de fadas, conto maravilhoso ou conto da carochinha: história popular para crianças, baseada em lendas e mitos.

Conto fantástico: história que apresenta fatos aparentemente absurdos, mas que são capazes de gerar lógica ou sentido.

Conto folclórico: história criada coletivamente, ou seja, que não pertence a um único criador; apresenta mitos e crendices, linguagem coloquial ou regional.

Conto literário: história criada artisticamente por um autor; caracteriza-se como narrativa curta, em prosa.

Conto policial: aquele que tem como base uma cadeia de acontecimentos que geram suspense.

Conto popular: nascido da tradição oral dos povos, quase sempre transmite ensinamentos morais. Antigamente, era narrado por um contador da história na presença de espectadores.

Conto psicológico: história em que o contista revela o mundo interior das personagens, com muitos monólogos e reflexões.

— E

Estilo: maneira de expressar-se de um escritor, de um grupo ou de uma geração literária.

— F

Fato literário: fragmento da realidade, episódio fugaz, um dado extraordinário ou até um "fato imaginário", escolhido pelo escritor, a partir do qual é possível construir um texto.

— I

Intertextualidade: aproveitamento de textos já existentes, para a elaboração de um texto literário.

— L

Literatura: conjunto de textos artísticos produzidos em linguagem verbal.

— M

Monólogo: fala ou pensamento de uma só personagem.

— N

Narrador: ser imaginário que conta uma história, podendo ou não participar dela.

Narrativa: qualquer conto ou história.

— P

Personagem: pessoa, animal, coisa ou ser fantástico responsável pelo desenvolvimento do enredo de uma narrativa.